

Formação do indivíduo no capitalismo avançado e a submissão consciente: relação entre ideologia e personalidade

Formation of the individual in the advanced capitalism and the conscient submission: the relation between ideology and personality

Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues

Como citar esse artigo. RODRIGUES, P. O. G. Formação do indivíduo no capitalismo avançado e a submissão consciente: relação entre ideologia e personalidade. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 15, n. 2, p. 14-26, mai./ago. 2024.

Resumo

Este estudo teórico, fundamentado nos trabalhos Max Horkheimer e Theodor Adorno, investiga as transformações econômicas e sociais no interior do capitalismo, com o objetivo de compreender o modo de submissão dos indivíduos às ideologias na atualidade. Com a passagem do capitalismo concorrencial para a era dos grandes monopólios econômicos, tanto a ideologia quanto o objeto da Psicologia se modificam. A ideologia autoritária, expressão do nazifascismo, é uma consequência inevitável do capitalismo dos monopólios, movimento que ocorre concomitantemente ao enfraquecimento do indivíduo e ao fortalecimento de personalidades autoritárias e consciências tipificadas. Como conclusão, indicamos que a adesão à ideologia na atualidade passou a exigir do ego uma regressão demasiadamente acentuada, caracterizando-se como submissão consciente, redefinindo desta maneira o modo como pensamos a relação entre ideologia e personalidade.

Palavras-chave: Teoria Crítica da Sociedade; Psicologia Social; Formação do Indivíduo; Ideologia; Personalidade.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

This theoretical study, grounded in the works of Max Horkheimer and Theodor Adorno, investigates the economic and social transformations within capitalism, intending to comprehend the way how individuals submit themselves to ideologies nowadays. With the transition from competitive capitalism to the era of great monopolies, the ideology and the object of psychology have been modified. The authoritarian ideology, an expression of Nazi fascism, is an inevitable consequence of monopoly capitalism, movement that occurs concurrently with the weakening of the individual, and with the strengthening of the authoritarian personalities and typified consciences. As a conclusion, we indicate that the adherence to the ideology nowadays requires an overly pronounced regression from the ego, marked as conscient submission, redefining the way we consider the relation between ideology and personality.

Keywords: Critical Theory of Society; Social Psychology; Formation of the individual; Ideology; Personality.

Introdução

Como base nas análises de Horkheimer e Adorno ([1956] 1973), a ideologia teria como função obstar a percepção das injustiças materiais, levando o indivíduo a uma atitude de resignação ao existente. Assim, ela seria compreendida pelos pensadores como justificativa para uma situação problemática, com o objetivo de encobrir as contradições da sociedade. Mais especificamente, por ocultar os mecanismos objetivos de dominação, a ideologia fortalece a naturalização do existente.

Afiliação dos autores:

Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - USP. Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFAEMA, Ariquemes, Rondônia, Brasil.

Email de correspondência: pedrooctavio.g.r@gmail.com

Recebido em: 09/07/2023. Aceito em: 13/08/2024.

Para esse intuito, enreda a consciência em seu engodo, participação subjetiva necessária para a manutenção da falsa sociedade. Como desdobramento dessas determinações, o indivíduo acaba defendendo interesses contrários aos seus e favoráveis ao sistema que o condena a uma existência material e espiritual aquém de seu potencial histórico já objetivado. Destarte, diante do fracasso da cultura e da crise na constituição do indivíduo, é fundamental examinar a consciência como sede do psiquismo individual, lugar em que é efetuado o teste de realidade pelo sujeito, essencial para a compreensão do processo de rebaixamento do pensamento, que contribui para que o indivíduo permaneça enredado à ideologia.

Segundo Horkheimer e Adorno ([1956] 1973), p. 203), nas fases mais avançadas do capitalismo a ideologia tem se convertido na própria realidade, ou seja, não é mais um envoltório, mas “a própria imagem ameaçadora do mundo”. Devido às transformações dos processos econômicos no capitalismo, nas sociedades altamente industrializadas a cultura passa a obedecer à lógica da reprodução da indústria e do capital, rebaixando sobremaneira o seu potencial formativo. A consequência para a dimensão psíquica seria a tendência à identificação total do indivíduo com a sociedade, talvez sem quase alguma mediação por parte do ego. Desse modo, a psicologia individual seria entregue à sociedade que a geriria por fora, caracterizando as chamadas sociedades administradas (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006).

Conforme Horkheimer e Adorno ([1956] 1973), devido a essas transformações históricas da sociedade e do objeto da Psicologia, a crítica à ideologia na contemporaneidade deveria ser substituída por uma questão mais fundamental, voltada para as atuais configurações psicológicas dos indivíduos. Segundo os autores, a crítica da ideologia torna-se obsoleta nessa sociedade devido ao seu cinismo manifesto. Portanto, a questão mais importante seria analisar as transformações históricas e sociais que ocasionaram esse rebaixamento da consciência, trazendo para a reflexão os impactos da sociedade administrada na formação do indivíduo.

Partindo desse entendimento, este ensaio será dividido em três movimentos. No primeiro, serão analisadas as transformações econômicas no interior do capitalismo o seu impacto na formação do indivíduo e na modificação da ideologia. Horkheimer e Adorno ([1947] 2006) indicam que no processo de transição do capitalismo liberal para a dos monopólios econômicos, há uma transformação substancial da ideologia. Conforme os autores, a ideologia autoritária do nazifascismo foi uma consequência inevitável do capitalismo de monopólios, que exige uma adesão individual aos seus conteúdos que se passa de forma muito próxima da consciência. Para essa nova sociedade, monopolista e autoritária, se faz necessário indivíduos com a dimensão psíquica mais regredida que no período liberal.

O segundo movimento analisa a transição da sociedade liberal para a administrada e suas consequências para o indivíduo, como o desenvolvimento de personalidades de tipo autoritário e de consciências profundamente tipificadas. Para tanto, o foco a análise da pesquisa de Adorno ([1975] 2019), *Estudos sobre a personalidade autoritária*, a fim de demonstrar as relações entre ideologia e personalidade, elucidando como a estrutura econômica e política autoritária própria do capitalismo avançado contribui para a formação de tipos psicológicos predispostos ao fascismo.

No terceiro movimento, será examinado o modo como a adesão à ideologia na atualidade passou a exigir do ego uma regressão demasiadamente acentuada, caracterizando-se como submissão consciente, modificando a maneira como se deve compreender a relação entre ideologia e personalidade. Assim, defende-se que o rebaixamento da consciência na atualidade é tão severo que, mesmo indivíduos fora do espectro da personalidade autoritária, com uma dinâmica de personalidade contrária ao fascismo, podem, por força do Espírito Objetivo desta época, tornarem-se inimigos da diferença, comportando-se de forma tão autoritária como os tipos de escore mais alto presente na síndrome fascista.

As mudanças na constituição do indivíduo e no quadro da ideologia

Na visão de Horkheimer e Adorno ([1956] 1973), p. 191), não há ideologia onde há relações “simples e imediatas de poder”, mas sim quando as relações de poder estão menos transparentes e a violência não

é exercida de modo tão direto. A ideologia, então, não supera o elemento da dominação, da violência e do poder; ela apenas a complexifica, intensificando-os nesse processo. Quando o elemento da força aparece de modo direto e obriga à servidão, é grande a violência. Contudo, quando são as próprias pessoas que consentem com sua servidão, é porque a violência se objetiva de tal maneira que se expande para o mais íntimo dos espaços, o psicológico, empobrecendo toda a vida psíquica. De acordo com Horkheimer e Adorno ([1956] 1973), p. 191, “a ideologia é justificação”, pois trata-se de um fenômeno social objetivo, que busca justificar os anacronismos, contradições e conflitos da sociedade, que se mostram contrários aos próprios interesses dos indivíduos que a defendem.

Com base nas formulações de Horkheimer e Adorno ([1956] 1973), a ideologia se modifica conforme as transformações na estrutura da sociedade, principalmente de sua base econômica. Assim, do momento do florescimento do capitalismo até o nascimento do totalitarismo na metade do século passado, ocorreram mudanças substanciais nos seus determinantes objetivos. Para os autores, o tipo de adesão mais comum às ideologias contemporâneas é aquele que se caracteriza por uma regressão acentuada da consciência individual, uma marca das fases mais avançadas do capitalismo.

No texto *Ideologia*, Horkheimer e Adorno ([1956] 1973) analisam que as transformações econômicas advindas da mudança do capitalismo liberal para o dos monopólios trouxeram importantes consequências para o espírito liberal burguês, assim como para a ideologia. Conforme essas análises, a ideologia liberal continha em sua pretensão de realização de liberdade e de felicidade ainda algum teor racional, contendo, portanto, um núcleo de verdade; mas também continha elementos que revelavam sua falsidade, posto que as condições de sua realização, mesmo que possibilitadas pelo avanço das forças produtivas, ainda não se encontravam concretizadas na sociedade. Nesse sentido, para esses autores, o homem analisado por Freud no início do século XIX, filho do espírito liberal burguês, resguardava alguma profundidade egóica, uma vez que nesse momento histórico, a adesão à ideologia liberal ainda poderia ser justificada por seus elementos racionais. Tal movimento diz da necessidade de um ego ou espaço psicológico suficientemente estabelecido e com alguma profundidade, em que a reflexão sobre os conteúdos da ideologia – sua meia mentira e meia verdade – fosse possível.

No contexto liberal, a economia se baseava na livre concorrência. O surgimento da autonomia econômica individual possibilitou tanto o acúmulo de riqueza quanto o surgimento do sujeito livre e independente, desenhando-se, então, os contornos do indivíduo, posto que seu desenvolvimento recente estava amparado nas transformações econômicas e políticas no interior da economia burguesa crescente. Segundo Adorno ([1955] 1986), é nesse momento também que a Psicanálise pôde pensar o seu objeto: a cédula individual psicológica que apresentava sua pequena empresa interna, dividida entre ego, id e superego. Com isso, demonstrava que os conflitos e contradições sociais – expressos também na ideologia liberal – resultavam num psicológico contraditório e igualmente conflituoso, mas que poderia, por esse motivo, a partir desses conflitos, ponderar sobre os próprios interesses e os interesses externos. Por causa do seu dinamismo interno, a esfera psíquica do indivíduo analisado por Freud indicava uma profundidade egoica suficiente, trazendo alguma possibilidade para a realização do teste de realidade por meio da reflexão ponderada, o que parece ter se liquidado no contexto das sociedades dos grandes monopólios comerciais, ocasião em que a ideologia também se modifica e se torna menos contraditória e mais transparente. Com o enfraquecimento das instâncias de mediação psicológicas, a decisão baseada no ideário sociopolítico do indivíduo não passaria mais pelo exame que pondera sobre os interesses contraditórios, para Horkheimer e Adorno ([1947] 2006), quem faria essa mediação não seria mais o ego, mas a própria sociedade, em comunicação cada vez mais direta com o inconsciente individual.

Para compreender o movimento do empobrecimento dos espaços de mediação intrapsíquicos na passagem para o capitalismo dos monopólios, é importante compreender o impacto desse na ideologia liberal e na estruturação da família. Tendo em vista as balizas do liberalismo econômico, em certa medida era verdadeira a afirmação da necessidade do trabalho e da produção das condições materiais, ambas necessária para a sua universalização. Entretanto, com as revoluções industriais e o crescente desenvolvimento tecnológico, é possível uma outra forma de produzir e organizar o trabalho, o que

proporciona a produção em massa das mercadorias.

Para Alves (2004), alguns países se destacam nesse processo (monopólios). O capitalismo muda de momento histórico e assume novas coordenadas, uma vez que esse novo modelo não estaria mais baseado na escassez de mercadoria, mas na desigualdade de acesso à tecnologia de cada país/região na produção e acessos a estes objetos. Em tal cenário, uma questão emerge: como os países negociam as vendas dessas mercadorias. Por isso, o aspecto econômico se torna sobretudo político, tendo em vista a relação entre os monopólios no jogo de forças para a negociação e distribuição das mercadorias.

Com o desenvolvimento do capitalismo e o despontamento dos grandes monopólios comerciais, as relações de produção avançam a tal ponto que os mercados se tornam obsoletos e a economia passa a ser regida pelos grandes conglomerados econômicos, empobrecendo a livre economia e a importância do sujeito livre e independente. Como consequência, há uma modificação do objeto da Psicologia: o indivíduo. Se a individualidade começa a despontar devido à propriedade burguesa, o que possibilitou a autonomia econômica e a autonomia individual, abrindo a possibilidade de o indivíduo ponderar sobre o seu próprio destino, na era dos grandes monopólios, ocorre a liquidação da propriedade média burguesa e também a diminuição da importância da família e do papel do pai como figura econômica independente. (Horkheimer; Adorno, [1956] 1973). A socialização, nesse contexto, ocorre cada vez mais pelas agências extrafamiliares; a racionalidade do capital e da indústria invade as demais esferas da vida, inclusive a dimensão privada, diminuindo o papel da família na formação individual (Adorno, [1969] 1994).

É válido sinalizar que Horkheimer e Adorno ([1956] 1973) estavam atentos às mudanças sociais no interior da família, sobretudo no que diz respeito às modificações no papel da mulher na importância econômica e afetiva do núcleo familiar. Com os ganhos de espaço na economia produtiva da sociedade, ao mesmo tempo em que ganha alguma autonomia econômica ao ceder às exigências da esfera da produção, a mulher perde um espaço relevante de resistência à racionalidade do mercado. Resistência essa que se resguardava no amor destinado às vinculações efetivas imediatas, como o amor de mãe, qualidade em que o afeto se destina à especificidade do objeto, tornando-o insubstituível na troca; ambiente este, em que o contato humano relembraria a própria condição geral do sentido da humanidade. Contudo, mesmo atento a estas transformações, Horkheimer e Adorno ([1956] 1973) ratificam que as condições objetivas do capitalismo produtivo não apontam numa direção diferente de uma força que neutraliza a família, diminuindo a importância do seu caráter mediador, e encerrando com o seu enfraquecimento.

No desenrolar dessas modificações, são cada vez mais frágeis os modelos de identificação presentes na família, que passam a ser supridos por frágeis substitutos, localizados fora dessa esfera (Horkheimer; Adorno, [1956] 1973). De acordo com Crochík ([1995] 2006), por causa da instabilidade dos valores e das regras sociais, bem como do enfraquecimento do seu papel econômico, a figura paterna tem dificuldade de se apresentar como um modelo, já que, segundo o autor, a sua impotência frente à realidade é gradativamente mais palpável.

Uma vez que é na família onde se processa e é possível elaborar a relação do indivíduo com a autoridade, quando esse não se forma mais em relação com a autoridade nuclear – e, nesse sentido, também em contraposição a ela –, a formação do superego, por sua vez, é dificultada.

De acordo com Rouanet ([1983] 1998) e Crochík ([1995] 2006), o superego possui uma ambiguidade fundamental: ele é a expressão da autoridade introjetada (e, nisso, da normatividade social), ao mesmo tempo em que também representa a esfera da consciência moral (e, nisso, da autocrítica), o que garante alguma autonomia individual, já que possibilita a contraposição ao próprio modelo da autoridade introjetada. Assim, embora o superego seja uma instância de censura do desejo e, por isso, atue como força psíquica antagônica à fruição do prazer, ele pode, na hipótese de elaboração da censura e da castração, configurar-se como uma instância de negação, que caso venha a se contrapor ao modelo, pode, do mesmo modo, contrapor-se à sociedade, “censurando-a”.

Uma reflexão central pode ser desenvolvida a partir do que foi discutido: tais transformações nas condições objetivas, que afetam sobremaneira a dinâmica da família burguesa liberal, afetam,

por consequência, o objeto da Psicologia. As mudanças econômicas levam a um enfraquecimento da autonomia individual e, conseqüentemente, um empobrecimento da dimensão psicológica do indivíduo. Esse processo, para Horkheimer e Adorno ([1947] 2006), torna de certo modo anacrônica a Psicologia clássica freudiana do equilíbrio entre as três instâncias psicológicas (id, ego e superego). Quando esse equilíbrio é quebrado, a possibilidade de o ego examinar a realidade e poder criticá-la diminui. A sociedade administrada, como descrito anteriormente, designaria exatamente esse contexto: quando a própria sociedade, produzindo determinações para uma consciência frágil e de um psicológico regredido, passa a gerir a própria economia libidinal dos indivíduos, caracterizando um tipo de sociedade que prescinde cada vez mais da autonomia individual de seus membros, que não vê mais nestes a sua força, mas que só a adquire, mediante o oposto: a sua liquidação.

A racionalidade econômica, esse princípio tão enaltecido do menor meio, continua incessantemente a remodelar as últimas unidades da economia: tanto a empresa quanto os homens [...]. Com a pequena empresa psicológica, isto é, com o indivíduo, as coisas não se passam diferentemente. [...] A psicanálise apresentou a pequena empresa interior que assim se constituiu como uma dinâmica complicada do inconsciente e do consciente, do id, ego e superego. No conflito com o superego, a instância de controle social no indivíduo, o ego mantém as pulsões dentro dos limites da autoconservação [...]. Não obstante, a complicada aparelhagem psíquica possibilitou a cooperação relativamente livre dos sujeitos em que se apoiava a economia de mercado. Mas, na era das grandes corporações e das guerras mundiais, a mediação do processo social através das inúmeras mônadas mostra-se retrógrada. Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006, p. 167-169).

A socialização, nesse contexto, ocorre cada vez mais pelas agências extrafamiliares; a racionalidade do capital e da indústria invade as demais esferas da vida, inclusive a dimensão privada, diminuindo o papel da família na formação individual. Porém, não é só a família que tem o seu papel rebaixado, mas as demais instâncias de mediação social, como a escola, a igreja e o direito. De acordo com as formulações de Adorno ([1969] 1994), com o avanço do capitalismo o modelo de produção industrial se desenvolve a tal ponto que promove uma indiferenciação crescente de todas as esferas sociais: elas passam a reproduzir a lógica do mundo do trabalho e da produção, tornando a sociedade mais uniforme em vez de mais complexa, posto que todas as instâncias de mediação deixam de apresentar interesses e racionalidade diversa do capital. Tais instâncias perdem sua especificidade e, desse modo, o que há de qualitativo em cada uma, resultando numa menor diferenciação entre os grupos e as instituições humanas. Como consequência, ocorre, no entendimento dos autores, uma menor diferenciação individual (Horkheimer; Adorno, [1956] 1973).

Destarte, nas sociedades altamente industrializadas, as diferentes instâncias de mediação entre o indivíduo e a sociedade, como a família, a escola e a religião – instituições que poderiam servir como anteparo entre o indivíduo e a sociedade – perdem o seu caráter de resistência à irracionalidade com que a sociedade atua. Isso acontece devido ao empobrecimento e à perda de suas características específicas, características essas que poderiam servir de contraposição à (ir)racionalidade da totalidade social, atuando como instâncias de contradição dentro da própria sociedade (Horkheimer; Adorno, [1956] 1973). Assim, como mediadores e possíveis anteparos entre a parte e o todo, os grupos e as instituições não contribuem mais para a constituição de uma individualidade que, formada na adaptação, mas ao mesmo tempo na contraposição à racionalidade da sociedade, pudesse sustentar essas contradições internamente, podendo, desse modo, formar o indivíduo como parte, mas também como antítese da sociedade.

Em meio a esse empobrecimento das esferas sociais e, por conseguinte, da esfera psíquica, fortalece-

se a adesão do indivíduo às ideologias: quando o espaço psíquico perde esse elemento de contradição constitutivo – que gera possibilidade de ponderação e questionamento interno – ocorre uma poderosa regressão da consciência, e o indivíduo tende a defender cada vez mais fielmente aquilo que vai contra os seus interesses e a favor do sistema que o oprime. Nesse sentido, Horkheimer e Adorno ([1947] 2006) entendem que a consequência inevitável dessas transformações econômicas foi o surgimento do autoritarismo e do fascismo na Alemanha.

Para os autores, o fascismo, e a dinâmica psicológica regredida que ele elicia, foi uma consequência inevitável do capitalismo de monopólios, resultado da transição da sociedade liberal para a administrada que, como visto, acarretaram novas configurações subjetivas para o indivíduo, além da própria modificação do conteúdo da ideologia. Segundo os autores, a ideologia do nacional-socialismo, diferentemente da ideologia liberal, sua predecessora, não possui elementos racionais com os quais a razão, no confronto com os conteúdos daquela, pudesse tirar alguma consequência racional (Horkheimer; Adorno, [1956] 1973). Sendo assim, devido às transformações na base econômica e social, ocorre uma modificação e enfraquecimento do indivíduo, pois, na análise dos pensadores em questão, para a consciência aderir a tal ideário cinicamente mentiroso, a consciência do indivíduo deveria estar mais empobrecida que no período liberal.

Com base em Horkheimer e Adorno ([1956] 1973), Crochík (2008) retoma essas discussões e reafirma o empobrecimento do universo psíquico graças à simplificação dos espaços de mediação e contraposição à sociedade. Ele também retoma o trabalho realizado por Adorno e Simpson ([1941] 1986), trazendo a indagação destes autores sobre o possível estreitamento das fronteiras entre o consciente e o inconsciente dos indivíduos, uma vez que as reações das massas – a exemplo do nazi-fascismo na Alemanha – estão muito próximas à consciência, pouco ocultadas desta esfera.

De acordo com Horkheimer e Adorno ([1956] 1973), no caso da ideologia do nacional socialismo, não há conteúdos racionais com os quais a consciência pudesse se inclinar favoravelmente, através da ponderação entre seus conteúdos. Seria necessário, portanto, uma regressão psicológica ainda mais acentuada que no período liberal para a aceitação de teses cujos conteúdos irracionais apresentem-se demasiadamente transparentes – sem a necessidade de qualquer tipo de ocultamento –, a mentira fascista, a qual as massas defendem, estaria muito pouco escondida da consciência.

Para Franciscatti (2002), tal empobrecimento se deve às somas excessivas de energia psíquica que estariam sendo utilizadas para a adesão ao existente completamente anacrônico. Essas energias, na concepção de Adorno e Simpson ([1941] 1986), seriam uma só: a mesma que o indivíduo necessitaria para individualizar-se, mas que, no entanto, é direcionada para o seu oposto. Para Rouanet ([1983] 1998), com base na Psicanálise freudiana, quanto maior a necessidade de energia para manter as defesas do ego, mais este deve, para equilibrar a organização psíquica individual, retirar energia das outras esferas, empobrecendo todo o sistema na mobilização de contra investimentos para a defesa, empobrecendo assim toda a vida psíquica do sujeito.

Análise da dinâmica profunda da paranoia fascista e os estudos sobre ideologia e personalidade

Devido ao imenso potencial de destruição do fascismo, Adorno ([1975] 2019) empreendeu uma pesquisa empírica nos Estados Unidos, *Estudos sobre personalidade autoritária*, com o objetivo de investigar a reincidência do fascismo nas sociedades democráticas liberais. Nessa investigação, eminentemente empírica, foram utilizados diferentes métodos das ciências humanas, quantitativos e qualitativos, aliados a uma profunda reflexão sobre a ciência da sociedade. Para a análise das configurações psíquicas, o referencial adotado foi o da Psicanálise freudiana, enquanto na teoria social, o referencial foi de orientação marxiana. Nesse trabalho, eles buscaram realizar um estudo a fim de investigar a correlação entre as estruturas da personalidade e a predisposição às ideologias racistas e etnocêntricas.

Desse modo, Adorno ([1975] 2019) se debruçou sobre uma hipótese central: as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo estariam aglutinadas de maneira coerente, unidas por uma mentalidade ou espírito comum, não como manifestações superficiais de opinião, mas sustentadas por profundas tendências da personalidade. A personalidade seria então uma organização de forças mais ou menos duradoura no interior do indivíduo, que auxiliariam a selecionar determinada resposta individual diante de cada situação, atribuindo consistência aos comportamentos. Em diálogo com a Psicanálise freudiana, Adorno ([1975] 2019, p. 79 – grifos do autor) também observa que a personalidade “são primeiramente *necessidades* (pulsão, desejos, impulsos emocionais) que variam de um indivíduo para outro”, que interagem com outras necessidades sejam elas padrões coerentes ou conflitivos com a personalidade do indivíduo. Deste modo, para o autor, se “atitudes e valores dependem de necessidades humanas e uma vez que a personalidade é essencialmente uma organização de necessidades, então a personalidade pode ser encarada como um determinante de preferências ideológicas” (Adorno, [1975] 2019, p. 79).

A família, nessa perspectiva, é a mais fundamental instância de mediação social do indivíduo, de modo que sua dinâmica é determinante no desenvolvimento da personalidade do sujeito. No entanto, é preciso ir um pouco mais a fundo nesta análise. A dinâmica familiar também traz as inscrições dos arranjos econômicos e sociais, que modificam o papel do pai na formação do indivíduo. Assim, os elementos econômicos modificam os arranjos familiares e, nesse sentido, possuem estreita relação com os tipos de personalidade fomentados pela sociedade. Dessa forma, para Adorno ([1975] 2019), há uma relação direta entre o estágio das forças econômicas na produção de necessidades e a formação de tipos de personalidade que predispõe o indivíduo à aceitação de determinadas ideologias.

Os *Estudos sobre a personalidade autoritária* partiam da hipótese de que o preconceito contra minorias estaria vinculado a uma posição política e reunido em uma única mentalidade (Adorno, [1975] 2019). Para tanto, foi criada, dentre várias escalas, a *escala F*, destinada a medir o potencial fascista do indivíduo. Ela mediria algo como uma síndrome F: “uma estrutura latente da personalidade que determinaria a receptividade do sujeito a ideologias racistas e etnocêntricas” (Rouanet, [1983] 1998, p. 165). Os valores mais altos nessa escala foram denominados de “autoritário” e distinguem-se em seis tipos; os de baixo valor na *escala F* foram denominados não autoritários, com inclinação mais favorável a princípios políticos não convencionais, e se distinguem em cinco tipos. Assim, o nazifascismo, em um primeiro momento da análise, se apoiou em indivíduos cujas personalidades foram produzidas para este fim, para a manutenção desse ideário político e da síndrome fascista.

Segundo Adorno ([1975] 2019), o antisemitismo e o etnocentrismo não eram fenômenos superficiais de opinião, mas estavam enraizados por forças não racionais predispostas nas camadas mais profundas da personalidade. Esses conflitos internos à dinâmica psicológica presente nas tipologias, justificariam, em grande medida, a razão da adesão ao ideário fascista. Para Horkheimer e Adorno ([1947] 2006), Adorno ([1975] 2019), Crochík ([1995] 2006) e Rouanet ([1983] 1998), o fascismo mobilizou/administrou a economia psíquica dos indivíduos predispostos à ideologia e à síndrome fascista, o que revela a relação entre os conflitos psíquicos expressos na dinâmica da personalidade e a gratificação de necessidades psicológicas irracionais deste indivíduo, estimuladas e gratificadas pela política de cunho fascista.

Adorno ([1975] 2019) desenvolve sua pesquisa pensando a formação da personalidade tendo como base o Édipo freudiano, ou seja, com base na relação do indivíduo com a autoridade. Assim, dependendo da forma como se dá o desfecho do complexo de castração, forma-se uma certa estrutura psíquica dentro do indivíduo, “algo que é capaz de uma ação autoiniciada sobre o ambiente social e de uma seleção diante de vários estímulos” (Adorno, [1975] 2019, p. 81). Isso explicaria por que certos indivíduos tendem a apresentar maior hostilidade a certas minorias sociais, respondendo praticamente de forma reflexa – sem a mediação da consciência –, isso porque essas minorias trariam representações de conteúdos que tocariam em materiais inconscientes delicados, escondidos em tendências profundas de personalidade.

Partindo dessa argumentação, para Rouanet ([1983] 1998, p. 184), o tipo autoritário, de alto valor na *escala F*, apresentaria uma “liquidação imperfeita do conflito edípico, assim, o amor pelo Pai é projetado

em instâncias externas que simbolizam a autoridade”, e a agressividade “é canalizada em parte sobre si mesmo (impulso masoquista, resultando na necessidade de obedecer) e em parte contra os out-groups, os judeus, as minorias”. Sendo assim, o tipo autoritário encontra na ideologia fascista e em sua propaganda política, um terreno propício para a dinâmica de sua personalidade – marcadamente sadomasoquista –, e encontra poucas barreiras para a gratificação dessa sua forma de psicologia.

No capítulo *O preconceito* do livro *Temas Básicos da Sociologia*, Horkheimer e Adorno ([1956] 1973) trazem alguns resultados de suas investigações sobre as personalidades autoritárias. De acordo com os autores, foi possível investigar que essa tipologia, formada nos indivíduos com frequência, tem como causa graves traumas na infância, tanto por causa de um pai excessivamente severo ou por falta de afeto. Tais indivíduos, para “poderem subsistir espiritualmente, repetem tudo aquilo que sofreram em outro tempo” (Adorno, [1956] 1973, p. 179). Dessas feridas e cortes a que foram submetidos em tão delicado momento da constituição de seu eu e de seu caráter, revelam a conseqüente falta de consideração em relação aos outros e a superficialidade de seus sentimentos. De acordo com Horkheimer e Adorno ([1956] 1973, p. 180), trata-se de:

[...] indivíduos com profundas lesões psíquicas, prisioneiros de seu ego vulnerável e fraco, incapazes de ter acesso a tudo o que estiver além de seus interesses pessoais ou grupais limitados. Em geral, perderam em grande parte a capacidade de realizar experiências vivenciais e, para modificá-las seriamente, não basta instruí-los, alimentar e estimular as suas convicções válidas; seria necessário, em primeiro lugar, formar ou reconstruir nesses indivíduos, mediante processos demorados e fatigantes, a capacidade de estabelecer relações espontâneas e vitais com homens e coisas.

Assim, no antissemitismo, os indivíduos têm reprimidas sua disposição mimética para a experiência, que é a possibilidade de transformar o estranho em familiar. Para os autores, aquilo que os antissemitas odeiam são traços de caráter que secretamente aspiram, mas que por ocasião de suas marcas de mutilação, não reconhecem como seus. Para Horkheimer e Adorno ([1947] 2006), no antissemitismo prevalece uma projeção patológica, uma mimese falseada, reverso da mimese genuína – em que o estranho torna-se familiar. Naquela, o familiar é identificado como algo hostil, projetado no outro, transformado-o num inimigo e perseguidor. O caráter autoritário é caracterizado por Horkheimer e Adorno ([1956] 1973) como aquele que, para não refletir sobre si mesmo e sobre suas marcas de mutilação, não tem capacidade de confessar seu desejo de destruição e, por esse motivo, “projeta-o sobre o inimigo, escolhido ou inventado para esse fim” (p. 179). Esse outro, visto ao mesmo tempo como inimigo e ser inferior, torna-se o objeto com o qual sua fúria é descarregada. Desse modo, no fascismo, a agressividade dirigida contra as minorias corresponde ao desejo de proximidade (representado por Eros) reprimido que, por formação reativa, atua contrariamente aos homens e à civilização. Com Eros recalcado, a pulsão ainda se ligaria aos objetos, mas na sua destruição, imitando a morte, e a pulsão ainda se ligaria aos objetos, mas na sua destruição (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006). No antissemitismo, a reflexão sobre o objeto, agora alvo da destruição, é obstruído pelas defesas inconscientes do indivíduo e o psicológico é reduzido à paranoia.

Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial. Para o paranóico usual, sua escolha não é livre, mas obedece às leis de sua doença. No fascismo, esse comportamento é adotado pela política, o objeto da doença é determinado realisticamente; o sistema alucinatorio torna-se a norma racional no mundo, e o desvio a neurose. [...]. Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio. (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006, p. 154).

Com base nessa reflexão, no antissemita tem-se a mobilização de dois tipos de desejos: um inconfesso e não realizado, e o outro irracional e gratificado. No primeiro, o desejo inconfesso, estariam ligados os desejos dos fascistas por elementos de liberdade e felicidade – que secretamente aspiram –, mas que não podem ser confessados ou fruídos, pois vão de encontro à dureza e à força com o qual tiveram de se identificar. Esses elementos negados (as cifras de felicidade/liberdade) são agora identificados no objeto e, este, convertido imediatamente em alvo de perseguição. O segundo, o desejo irracional, é um desdobramento do primeiro, e diz da realização/gratificação de desejos ou impulsos destrutivos, sancionados e dirigidos pela Psicologia de massas do fascismo (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006). Assim, na paranoia, o indivíduo perde a reflexão com o objeto em duas direções: quando não experimenta mais o objeto de modo profundo, já que evita os conteúdos que projeta nele, os impulsos socialmente condenados e que não admite como seus; e “como não reflete mais o objeto” (p. 156), também perde a possibilidade da oposição refletida. Nisso, “ele não reflete mais sobre si e perde a capacidade de diferenciar” (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006, p. 156). Projetando irrefreadamente no mundo exterior o que de anacrônico sobrevive no seu inconsciente – os quais revelam a irracionalidade da sociedade, “a simples proliferação dos meios, relações, manobras, a práxis sinistra sem a perspectiva do pensamento” (p. 156) – ele projeta “o perfeito nada” e o mundo se torna ocasião do seu delírio.

Impacto das transformações sociais na dinâmica entre ideologia e personalidade: a submissão consciente

Dessa maneira, ao que tudo indica, devido às transformações históricas e sociais aqui analisadas, tais como a mudança do capitalismo liberal para o dos monopólios, o enfraquecimento da família e do pai como modelo nuclear de identificação e o rebaixamento do potencial formativo das demais instâncias de mediação social, modificaram sobremaneira o indivíduo. Nesse processo, a ideologia também se modifica e se torna ainda mais irracional que no período liberal, além da ascensão do fascismo, como consequência inevitável do capitalismo avançado (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006). Como a sociedade sempre fomenta os caracteres individuais necessários para a sua manutenção, foi preciso uma grande regressão psíquica dos indivíduos para sustentar um sistema notadamente bárbaro (Adorno, [1955] 1986). Com o fracasso da formação do indivíduo, a formação do superego é prejudicada e o ego se enfraquece, deixando cada vez mais direta a comunicação do inconsciente com a sociedade, fortalecendo a administração política dos caracteres sadomasoquistas da personalidade dos indivíduos predispostos ao autoritarismo, que, como visto, ainda estão latentes mesmo nas sociedades consideradas democráticas (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006; Adorno, [1975] 2019).

No momento da ideologia liberal, a adesão do indivíduo se dava em grande parte como resultado de uma conflituosa dialética interna, fruto de uma psicologia individual que se formava ainda num contexto em que a família e demais instâncias de mediação possuíam interesses contraditórios aos da sociedade industrial: o seu produto foi a pequena empresa interna indicada por Freud, com as instâncias id, ego e superego bem definidas, que podiam sustentar essas contradições sociais e históricas internamente, possibilitando um terreno psicológico mais rico, capaz de ao mesmo tempo se adaptar à sociedade também criticá-la. Mas graças às modificações na constituição do indivíduo aqui analisadas, o espaço psíquico individual se torna mais achatado, “congruente” e ajustado, assim, a adesão à ideologia fascista parece ter sido substituída por um tipo de adesão à irracionalidade muito próxima à consciência, por meio de uma comunicação direta entre indivíduo e sociedade, quase sem a participação do ego (Horkheimer; Adorno, [1956] 1973).

Isso se deve principalmente às transformações econômicas que engendraram o fascismo, que geraram um grave impacto na constituição do indivíduo. Com um ego constituído de modo precário, devido ao enfraquecimento do seu modelo nuclear de identificação, ele não possui profundidade suficiente para realizar o teste de realidade em bases objetivas. Portanto, pouco pode fazer para questionar o existente ou fazer controle de projeção (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006). Se o ego se rebaixa pela perda do poder do pai na formação do indivíduo, a formação do superego também fica prejudicada, rebaixando também a

capacidade de uma consciência moral crítica, que repense a sua relação com a autoridade externa, o que também facilita a submissão consciente do indivíduo à sociedade e às suas ideologias.

Na medida em que a grande indústria não cessa de subtrair à decisão moral sua base econômica, eliminando o sujeito econômico independente (seja suprimindo o empresário autônomo, seja transformando os trabalhadores em objetos de sindicatos), a própria reflexão não pode senão atrofiar. A alma, enquanto possibilidade de assumir um sentimento de culpa que não se esconda de si mesmo, se desfaz. A consciência moral perde seu objetivo, pois a responsabilidade do indivíduo por si mesmo e pelos seus é substituída muito simplesmente por sua contribuição ao aparelho, mesmo que isso ocorra sob as antigas categorias morais. Não é mais possível dar uma solução ao conflito pulsional em que se forma a consciência moral. Em vez da interiorização do imperativo social – que não apenas lhe confere um caráter mais obrigatório e ao mesmo tempo mais aberto, mas também emancipa da sociedade e até mesmo faz com que se volte contra a sociedade – tem lugar uma identificação pronta e imediata com as escalas de valores estereotipadas (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006, p. 163).

De acordo com as análises de Horkheimer e Adorno ([1947] 2006), com a eliminação do sujeito economicamente independente e o declínio do indivíduo (e do rebaixamento de suas instâncias de mediação intrapsíquicas), a identificação deste com a sociedade ocorre de maneira direta. Para Horkheimer e Adorno ([1947] 2006), o Espírito Objetivo, ou a expressão do ideário político e econômico de uma época, tem sido expresso pela *mentalidade do ticket*. Para os autores não importa muito se o indivíduo apresenta uma personalidade de tipo liberal ou autoritária, uma vez que a adaptação a escalas e valores estereotipados da cultura é possível para ambos devido o rebaixamento excessivo do indivíduo na sociedade hodierna. É nesse sentido que Horkheimer e Adorno ([1947] 2006, p. 164) indicam que, nas sociedades administradas, “não há mais anti-semitas. Os últimos foram os liberais que queriam exprimir sua opinião antiliberal”. Os autores exploram essa relação no elemento VII do ensaio “Elementos do anti-semitismo”, quando indicam que em determinado momento:

o anti-semitismo ainda era um tema aberto à escolha subjetiva, e a decisão referia-se especificamente a ele. É verdade que a aceitação da tese racista já implica todo o vocabulário chauvinista, e que os juízos anti-semita deram sempre testemunho de um pensamento estereotipado. Mas, hoje, é só isto que resta. Continua-se a escolher, mas apenas entre totalidades. A psicologia anti-semita foi, em grande parte, substituída por um simples “sim” dado ao ticket fascista, ao inventário de slogans da grande indústria militante (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006, p. 165).

De acordo com Rouanet ([1983] 1998), a *mentalidade do ticket* se refere ao pensar em blocos, como, por exemplo, na chapa eleitoral em que é imposta aos diversos votantes uma lista de candidatos específica, e que fica vetada qualquer experiência direta que possa diferenciá-los. De acordo com Horkheimer e Adorno ([1947] 2006), nessa sociedade, os elementos da cultura permeados pelo autoritarismo, etnocentrismo e pelo pensamento estereotipado, sobrevivem no *ticket fascista*. No entanto, para os autores, o ticket de modo geral é autoritário, pois conduz a consciência a uma experiência padronizada e reduzida aos clichês da cultura. Assim, os estereótipos da cultura parecem estar coadunados e reunidos numa “única mentalidade”, despersonalizando-se e se caracterizando apenas pelo pensar e agir em blocos. Os indivíduos não precisam mais interpretar a realidade, pois os tickets já fazem isso pelos sujeitos, inaugurando, assim, a atrofia da reflexão e do pensamento. De acordo com Horkheimer e Adorno ([1947] 2006), “os ‘elementos do anti-semitismo’, baseados na experiência e anulados pela perda de experiência que se anuncia na mentalidade do ticket, são novamente mobilizados pelo ticket” (p. 192). Ainda segundo os autores, “não é só o ticket anti-semita que é anti-semita, mas a mentalidade do ticket em geral” (p. 193).

Partindo dessas análises, os indivíduos de baixo escore na *escala F*, descritos como de tipologia liberal, não estariam imunes à tipificação que reduz a experiência aos conteúdos dos clichês da cultura (Adorno, [1975] 2019; Rouanet, [1983] 1998). Eles podem adaptar-se, tanto quanto os que representam a síndrome fascista, aos padrões estereotipados de comportamento representados pela *mentalidade do ticket*. Sendo assim, mesmo aqueles indivíduos “psicologicamente mais humanos” e atraídos pelo ticket progressista, podem tornar-se “inimigos da diferença” (Horkheimer; Adorno, [1947] 2006, p. 171). Nesse sentido, devido às modificações da própria realidade e de sua ideologia, parece que se efetua na contemporaneidade uma regressão extremamente acentuada da consciência. Nesse aspecto, a importância da personalidade como determinante das preferências ideológicas se modifica em função de novos determinantes objetivos. Segundo Rouanet ([1983] 1998, p. 176):

A síndrome F, por assim dizer, faz parte do Espírito Objetivo, cuja onipresença torna fluídas as fronteiras entre as personalidades *high* e as *low*, graças à utilização de mecanismos objetivos cujo resultado final é a identificação de ambos com o *status quo*.

Nesse sentido, a adesão à ideologia fascista anteriormente (no momento liberal) podendo se dar em grande parte como resultado de uma conflituosa dialética interna, parece ter sido substituída por um hiper-realismo expresso por um apego total ao existente, um tipo de adesão à irracionalidade muito próxima à consciência. Para Horkheimer e Adorno ([1956] 1973, p. 193), “a ideologia contemporânea é o estado de conscientização e de não-conscientização das massas com o espírito objetivo”. Desse modo, ao que tudo indica, o Espírito Objetivo, representado pela *mentalidade do ticket*, pode ser suficientemente forte para perpassar todos os indivíduos. Mesmo os conteúdos da personalidade sendo importantes, o ego parece estar mais regredido e, talvez, exigindo um tipo de adesão que não se expresse mais tanto por conflitos psíquicos sedimentados nas tendências profundas da personalidade, mas de modo consciente, não mais mediada pelas instâncias psíquicas, mas pela reprodução imediata dos esquemas da sociedade irracional (Adorno & Simpson, [1941] 1986).

Rouanet ([1983] 1998) trabalha com a noção de uma determinação probabilística entre personalidade e ideologia. Conforme o autor, a importância da teoria da personalidade desenvolvida por Adorno não é descartada, mas redefinida. Ele entende, portanto, que o que se modificaria não seriam os conteúdos mobilizados, pois tanto o indivíduo de alto escore quanto o de baixo escore na *escala F* poderiam se apropriar de conteúdos políticos e econômicos conservadores, por exemplo. Todavia, o que se modificaria seria a forma como esses indivíduos justificariam tais conteúdos. Assim, quando se analisa a intervenção estatal como indesejável, um elemento conservador, os indivíduos de baixo escore na *escala F* defenderiam esta ideia alegando a necessidade de preservar a autonomia individual; já os de alto escore defenderiam a mesma ideia “por motivos projetivos”, pois “o indivíduo atribui ao estado uma sede de poder que na verdade é característica do próprio indivíduo – e por ressentimento, pois é favorável a um estado forte e controlado pelos grupos com os quais se identifica (os ‘big bussiness’)” (Rouanet, [1983] 1998, p.178).

Conclusão

De acordo com as análises aqui empreendidas, os fenômenos de massa contemporâneos continuam vivos, repetindo estruturas um pouco antigas e trazendo outras novas e mais problemáticas. Isso revela que o fascismo ainda não foi superado, e que persiste nas sociedades ditas democráticas mesmo com o fim do nazismo. Assim, identifica-se que o autoritarismo continua atraente, mobilizando nos indivíduos o encanto de submeter-se irrefletidamente a ele. Conforme discutido, a expressão autoritária na sociedade atual não está presente apenas nos indivíduos de alto valor na *Escala F*. O movimento de exclusão e preconceito contra minorias, por exemplo, não são sustentados apenas por personalidades predispostas à síndrome fascista.

Devido ao rebaixamento severo da consciência dos indivíduos, há uma identificação praticamente direta deste com o Espírito Objetivo, expressão da própria ideologia contemporânea nessa sociedade, fortalecendo a submissão ao existente. O Espírito Objetivo atua, então, diretamente na dimensão psíquica de todos os indivíduos, administrando o modo como ele percebe a realidade: respondendo a certos estímulos de modo cada vez mais automático, tipificando as respostas e os comportamentos, o que eclipsa a sua capacidade de realizar experiências. Com o rebaixamento do ego, dimensão dialética do psiquismo, a autonomia individual é obliterada e o indivíduo passa a ser heterodirigido por grupos e pautas ideológicas diversas, com agendas e interesses próprios, muitas vezes contrários à civilização.

Em tais condições, o indivíduo já não precisa mais pensar por si próprio, uma vez que a sociedade administrada lhe rouba essa capacidade, pensando por cada um de nós. O valor e o que cada um é já está pré-determinado pela cultura da mercadoria, que nos traz os valores estereotipados prontos para consumirmos e etiquetarmos coisas e pessoas. Seja a personalidade de tipo liberal ou autoritário, o ego dos indivíduos está tão regredido, e o superego, expropriado, que mesmo que não haja impulsos destrutivos sedimentados na profundidade do seu inconsciente – como dos indivíduos de alto valor na *Escala F* –, todos podem potencialmente se tornar inimigos da civilização e da diferença.

Um dos elementos mais fundamentais para se compreender o império da sociedade sobre o indivíduo seria o diagnóstico da racionalidade do Espírito Objetivo. Como a consciência fragilizada e o superego expropriado, as pessoas se submetem de modo cada vez mais imediato ao clima cultural vigente. Se esse se manifesta de modo irracional e por meio dos tickets, como analisado neste ensaio, mais as pessoas apresentarão tais comportamentos que expressam o indiferenciado e perpetuam as forças irracionais da sociedade.

O ego fragilizado denuncia que a consciência tem pouca capacidade de se opor à falsa sociedade, como resistência ao véu ideológico. Com a parca capacidade de refletir sobre os seus próprios conteúdos, o indivíduo não consegue se reconhecer na sociedade. Tais impedimentos são o reflexo de uma consciência que não realiza mais experiência, pois como esta foi reduzida a uma mentalidade baseada em estereótipos, o sujeito não necessita mais realizar o trabalho categorial/conceitual para a atividade cognoscente de bases objetivas. Uma consciência assim constituída, negada e mutilada, revela que a adesão e o apego ao existente alimentam os extratos de dominação e a dessensibilização da vida, fazendo com que esses sejam reproduzidos pela psicologia individual, expropriada e heterodirigida, demonstrando o poder da sociedade autoritária de nossa sociedade.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

- ADORNO, T. W. Acerca de la relación entre sociología y psicología. In: JENSEN, H. (Org.). **Teoría crítica del sujeto: ensayos sobre psicoanálisis y materialismo histórico**. Tradução de H. Jensen. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 1986. p. 36-76. Obra original publicada em 1955.
- ADORNO, T. W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In: FERNANDES, F. (Org.). **Sociologia**. Tradução de F. R. Kothe. 2. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1994. p. 62-75. Obra original publicada em 1969.
- ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Tradução de F. L. T. Correa, V. F. da Costa e C. H. Pissardo. São Paulo: Editora da Unesp, 2019. 597 p. Obra original publicada em 1975.
- ADORNO, T. W.; SIMPSON, G. Sobre a música popular. In: COHN, G. (Org.). Theodor W. **Adorno: Sociologia**. Tradução de F. R. Kothe, A. Onesti e A. Cohn. São Paulo: Ática, 1986. p. 115-146. Obra original publicada em 1941.
- ALVES, G. A. P. Crise da globalização e lógica destrutiva do capital – notas sobre o sócio-metabolismo da barbárie. **Revista Katalysis**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 31-44, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/>

articulo/2926059.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006. 174 p. Obra original publicada em 1995.

CROCHÍK, J. L. T. W. Adorno e a psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 297-305, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000200017>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FRANCISCATTI, K. V. S. À felicidade na liberdade ou à felicidade na ausência de liberdade. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 123-140, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000100008>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de G. A. de Almeida. Ed. Reimp. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 139-171. Obra original publicada em 1947.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Temas básicos da sociologia**. Tradução de A. Cabral. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973. 205 p. Obra original publicada em 1956.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. 355 p. Obra original publicada em 1983.